

SOBRE AS EMOÇÕES:

ANTÓNIO DAMÁSIO E A CRÍTICA À TEORIA JAMES-LANGE

ON EMOTIONS:

ANTÓNIO DAMÁSIO AND THE CRITICISM OF JAMES-LANGE THEORY

GABRIEL GONZALEZ RUNGUE (*)

(*) **Gabriel Gonzalez Rungue.**

Mestrando em filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, bolsista CAPES/PROSUP, na qual também se graduou em Filosofia. Pesquisa na área de Filosofia da Religião. Atualmente pesquisa a relação entre estados emocionais e cognitivos tendo como base a experiência religiosa

Email: g.grungue@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é apontar alguns possíveis descuidos de A. Damásio na crítica que dirige à teoria das emoções de William James. Sua crítica consiste em afirmar que a formulação jamesiana restringe as emoções ao nível das alterações somáticas. Para ele, James não dá a devida atenção ao processo de avaliação mental que provoca a emoção. Sendo assim, seu quadro teórico explica satisfatoriamente as emoções derivadas de representações dispositivas congênicas, mas é insuficiente quando se trata de representações dispositivas adquiridas. Neste artigo, defendo a tese de que a teoria das emoções de James dá conta da ocorrência de estados emocionais disparados por representações aprendidas. Com o intuito de defender essa tese, apresentarei a teoria das emoções de James em seus aspectos orgânico, cognitivo e social. Mostrarei que a crítica de António Damásio reduz a teoria jamesiana à abordagem que ele apresenta das emoções *padrão*, não levando em consideração o amplo desenvolvimento de sua teoria.

Palavras-chave: Emoções; William James; A. Damásio.

Abstract: The aim of this paper is to point out some possible carelessness by A. Damásio in the criticism that he addresses William James' theory of emotions. This criticism consists in pointing that the Jamesian formulation restricts emotions to the level of somatic changes. According to Damásio, James does not give due attention to the mental evaluation process that provokes the emotion. Thus, its theoretical framework satisfactorily explains the emotions derived from congenital dispositive representations, but it is insufficient when it comes to acquired dispositive representations. In this paper, I defend the thesis that James' theory of emotions accounts for the occurrence of emotional states triggered by learned representations. In order to defend this thesis, I will present James' theory of emotions in its organic, cognitive and social aspects. I intend to show that António Damásio's criticism reduces Jamesian theory to his approach to *standard* emotions, disregarding the broad development of his theory.

Keywords: Emotions; William James; A. Damásio.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apontar algumas insuficiências, a nosso ver, da crítica que António R. Damásio dirige à teoria James-Lange. Para Damásio, a abordagem que James faz das emoções, além de reduzi-las às alterações corporais, não dá a devida atenção ao “processo mental da situação que provoca a emoção” (DAMÁSIO, 2012, p. 128). Em outras palavras, a teoria somática das emoções, tal como formulada por James, não seria capaz de explicar a ocorrência dos estados emocionais frutos de uma representação dispositiva¹ adquirida.

1. A CRÍTICA DE DAMÁSIO

Damásio classifica as emoções como primárias e secundárias, sendo estas emoções as que experienciamos na vida adulta, e aquelas as que vivenciamos na infância. A diferença substancial entre as duas ocorrências emocionais é que as primárias são oriundas de um conjunto de elementos naturalmente estabelecidos. Já as emoções secundárias, sem abandonar as primárias, derivam de “disposições pré-frontais adquiridas”. (DAMÁSIO, 2012, p. 130). Em resumo, pode-se dizer que as emoções que vivenciamos na infância devem-se a representações dispositivas inatas, enquanto aquelas experienciadas na vida adulta derivam-se das representações dispositivas aprendidas (DAMÁSIO, 2012, p. 133).

As emoções inatas estão ligadas à atividade instintiva do ser humano. O organismo humano é como que pré-programado para reagir instintivamente à determinadas circunstâncias. Tanto James quanto Damásio aceitam essa tese. Para James, “todo objeto que excita um instinto também excita uma emoção” (JAMES, 1950, v.II, p. 442, tradução nossa)². Para Damásio “[...] estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando certas características dos estímulos, no mundo ou nos nossos corpos, são detectadas individualmente ou em conjunto” (DAMÁSIO, 2012, p. 129).

¹ Sobre representação dispositiva ver: Damásio, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 91-115.

² “Every object that excites an instinct excites an emotion as well”.

O processo relativo a essas emoções não termina nas modificações somáticas. Para Damásio, após o estímulo provocado, as alterações somáticas são sentidas e associadas ao objeto que lhe excitou. “O passo seguinte”, diz ele, “é a *sensação da emoção* em relação ao objeto que a desencadeou, a percepção da relação entre objeto e estado emocional do corpo” (DAMÁSIO, 2012, p. 130). Esse é outro ponto de convergência entre os autores, já que para James, “[...] cada uma das modificações corporais, independentemente de quais sejam, é **sentida**, agudamente ou obscuramente, no momento em que ocorre” (JAMES, 1950, V.II, p. 451, tradução nossa)³.

A crítica de Damásio a James aparece, propriamente falando, quanto às emoções secundárias. À diferença dos estados emocionais que acabamos de descrever, as emoções secundárias não se dão em função de uma estrutura pré-estabelecida. Dito de outra maneira, pode-se dizer que, no nível secundário, as emoções não derivam do instinto, pensado como uma organização inata do organismo humano. As emoções secundárias são frutos de “uma avaliação cognitiva do conteúdo do acontecimento de que faz parte” (DAMÁSIO, 2012, p. 133).

Em conclusão, a emoção é a combinação de um *processo avaliatório mental*, simples ou complexo, com *respostas dispositivas a esse processo*, em sua maioria *dirigidas ao corpo propriamente dito*, resultando num estado emocional do corpo, mas também *dirigidas ao próprio cérebro* (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais (DAMÁSIO, 2012, p. 135).

Apesar da distinção entre as emoções primárias e secundárias, elas mantêm uma relação estreita entre si. Quer dizer, o processo cognitivo avaliativo do acontecimento das emoções, que cria novos padrões para o disparo emocional, só é possível graças ao processo instintivo e inato das emoções. O aspecto adquirido das emoções secundárias deve-se ao processo cognitivo que avalia as situações emocionais inatas e cria modelos diversos de ocasiões emocionais aprendidas. Porém, esse nível mental das emoções não seria possível sem a constituição inata do organismo humano para reagir a determinado objeto ou conjunto de objetos.

É justamente nesse ponto que Damásio dirige sua crítica à abordagem de James. Para ele, a teoria James-Lange só seria capaz de explicar as emoções primárias, conquanto

³ “[...] every one of the bodily changes, whatever it be, is FELT, acutely or obscurely, the moment it occurs”.

tenha as reduzido às alterações somáticas e não aprofundou ao aspecto mental que cria novas representações dispositivas. “Em suma”, ele diz

James postulou a existência de um mecanismo básico em que determinados estímulos no meio ambiente excitam, por meio de um mecanismo inflexível e congênito, um padrão específico de reação do corpo. Não havia necessidade de avaliar a importância dos estímulos para que a ação tivesse lugar. Na sua própria afirmação lapidar: “Cada objeto que excita um instinto excita também uma emoção” (DAMÁSIO, 2012, p. 128).

O problema levantado por ele é de fato importante. Se as emoções são modificações corporais e intimamente ligadas aos instintos, como a teoria jamesiana daria conta das representações dispositivas adquiridas, ou seja, da influência cognitivo-social sobre as emoções?

2. TEORIA DAS EMOÇÕES DE WILLIAM JAMES - ASPECTO ORGÂNICO

A teoria das emoções de James pode ser dividida em três aspectos: teoria orgânica, teoria cognitiva e teoria social (CARRETE, 2007, p. 419). Seguiremos essa divisão e mostraremos que sua teoria das emoções pode dar conta das representações dispositivas adquiridas.

Começaremos com o aspecto orgânico das emoções. Na contramão do que pensava o senso comum e mesmo os fisiologistas e psicólogos de sua época⁴, que concebiam as expressões corporais como consequência dos estados emocionais, James defendia, “pelo contrário, que as mudanças corporais seguem diretamente a **percepção** do fato excitante, e que nossa percepção [sensação⁵] dessas mesmas mudanças assim que elas ocorrem é a emoção” (JAMES, 2013, p. 98).

⁴ Como uma das mais expressivas referências desse tipo de visão acerca das emoções podemos citar o alemão Wilhelm Wundt, que, nas palavras de Jeremy Carrete “[...] defendia uma teoria da “apercepção” - processo pelo qual um estado mental (um afeto ou emoção) produzem efeitos corporais” (CARRETE, 2007, p. 419).

⁵ Me sirvo aqui da tradução feita por Raphael Silva Nascimento, publicada em 2013 no volume II da revista Clínica & Cultura. Porém, no texto original, publicado no volume IX da revista Mind de 1884, James usa a palavra “feeling”, que seria mais bem traduzida por “sensação”. Fazemos essa pequena indicação por algumas razões. Em *Principle of psychology*, James faz uma distinção entre percepção e sensação que consiste no seguinte: “The nearer the object cognized comes to being a simple quality like ‘hot,’ ‘cold,’ ‘red,’ ‘noise,’ ‘pain,’ apprehended irrelatively to other things, the more the state of mind approaches pure sensation. The fuller of relations the object is, on the contrary; the more it is something classed, located, measured, compared, assigned to a function, etc., etc.; [...] Sensation, then, so long as we take the analytic point of view, differ from Perception only in the extreme simplicity of its object or content” (JAMES, 1950, v. II, p. 1-2). O ponto central de nossa opção diz respeito ao caráter mais analítico da percepção, enquanto

James, como dissemos acima, pensa as emoções relacionadas aos instintos. Para ele, reações instintivas e expressões emocionais estão como que imbricadas umas nas outras, sendo que as “emoções [...] ficam aquém dos instintos, na medida em que, usualmente, a reação emocional termina no próprio corpo do sujeito, enquanto a reação instintiva é apta a ir mais longe e entrar em uma relação prática com o objeto excitante” (JAMES, 1950, v. II, p. 442). A relação entre os instintos e os estados emocionais parece ter sido uma influência que James recebeu do pensamento de Darwin.

O trabalho de Darwin *The Expression of Emotion*, de 1872, criou a possibilidade de pensar sobre as emoções a partir do instinto corporal e providenciou a ligação entre fisiologia e a emergente “ciência” da psicologia. James levou adiante e refinou um número de ideias de Darwin e mostrou as emoções enraizadas no instinto corporal (CARRETE, 2007, p. 420, tradução nossa)⁶.

O ponto central da teoria James-Lange é defender a ideia de que as modificações somáticas não são consequências e sim constitutivas dos estados emocionais. Para James, se as alterações corporais forem pensadas como expressões das emoções, estas últimas são estados mentais puros. A percepção de um fenômeno qualquer excitaria o estado mental chamado emoção e, em seguida, o corpo reagiria a esse estado. Pensadas dessa maneira, as emoções ficam desprovidas de todo o seu calor emocional, isto é, de sua valência positiva ou negativa. “Sem os estados corporais seguindo-se à percepção,” disse James, “ela [a emoção] seria cognitiva em sua forma, pálida, incolor e destituída de calor emocional” (JAMES, 2013, p. 98).

Além disso, James defendia a tese de que o mapeamento do cérebro entre centros sensoriais e motores era suficiente para explicar a ocorrência das emoções. Sua explicação dos estados emocionais, a partir desses centros, consiste na elucidação dos efeitos corporais reflexos que os “objetos das emoções” disparam no corpo do indivíduo de uma espécie.

a sensação é mais “passiva”. É verdade que essas duas modalidades mentais se relacionam intimamente, mas quanto à teoria das emoções de James, acreditamos que “sensação” expresse melhor sua teoria.

⁶ “Darwin’s 1872 work *The Expression of Emotions* created the possibility of thinking about emotion inside the instinctual body and provided the link between physiology and the emerging “science” of psychology. James carried forward and refined a number of Darwin’s ideas and saw the emotions as arising from the instinctual body”

“Supondo que seu córtex contém centros para a percepção de mudanças em cada órgão sensorial em particular,” disse James:

em cada porção da pele, cada músculo, cada articulação e cada víscera, e não contém absolutamente nada além disso, ainda temos um esquema perfeitamente capaz de representar o processo das emoções. Um objeto põe-se em um dos órgãos sensoriais e é apercebido pelo centro cortical adequado, ou então esse, excitado de alguma outra forma, dá origem a uma ideia do mesmo objeto. Rápido como um flash, o reflexo desce em correntes através de seus canais pré-ordenados, altera a condição do músculo, pele e vísceras; e essas alterações nas partes mais específicas do córtex - apercebidas como objeto original - fundem-se na consciência e transformam um ‘objeto-simplesmente-apreendido’ em um ‘objeto-emocionalmente-sentido’. Nenhum novo princípio precisa ser evocado, nada é postulado para além do circuito reflexo normal e os centros corticais aceitos de uma ou de outra forma por todos como existentes (JAMES, 2013, p. 110).

Desde essa perspectiva, Damásio parece correto ao afirmar que a teoria jamesiana das emoções só daria conta das emoções primárias. O aspecto orgânico da teoria de James, sem dúvida, detém-se ao elemento inato das emoções, e o faz a partir da estrutura nervosa da espécie humana. “O amor de um homem por uma mulher”, ele diz

ou da mãe humana por seu bebê, nossa ira contra cobras e nosso medo de precipícios também podem ser descritos similarmente, como exemplos da maneira pela qual peças especialmente adaptadas do mobiliário do mundo irão fatalmente evocar as **reações mentais e corporais mais particulares, com antecedência e por vezes em oposição, ao veredito de nossas razões deliberadas que os concernem** (JAMES, 2013, p. 98, grifo nosso).

A crítica que Damásio dirige à teoria jamesiana pode ser expressa da seguinte maneira: pensada a partir dos instintos, as emoções ocorrem em função de uma disposição congênita do organismo humano. Todavia, grande parte das emoções que nos acometem cotidianamente são frutos de convenções sociais. A vergonha de cantar em público, a tristeza pela reprovação em um vestibular etc., todos esses casos não parecem ser demandados naturalmente do nosso organismo.

James responde a essa objeção, ainda no artigo de 1884, da seguinte maneira: em primeiro lugar ele ressalta a incapacidade da objeção de distinguir entre a ideia de uma emoção e a emoção quando ocorre. Independente da “origem” da emoção, se parte de uma estrutura pré-ordenada ou aprendida, o que ele enfatiza é que os estados emocionais recebem seu “calor” das mudanças corporais. Quer nosso medo inato de cobras, quer nossa vergonha após um tombo em público, as modificações corporais constituem o estado que chamamos emocional.

Em segundo lugar ele aponta para a possibilidade de hiperbolização de uma característica inata, o que a faria disparar em contextos não originalmente ajustados a ela.

Vamos apenas recordar o princípio evolutivo bem conhecido que diz que, quando um certo poder já está estabelecido de vez em um animal, em virtude de sua utilidade na presença de certas características do ambiente, ele pode vir a ser útil na presença de outras características do ambiente que originalmente nada tinham a ver com sua produção ou preservação (JAMES, 2013, p. 102).

No aspecto orgânico da teoria de James, ele se dedica ao que chama de “emoções padrão” (JAMES, 2013, p. 97). Essas emoções são aquelas que têm uma expressão corporal distinta, tais como: surpresa, curiosidade, arrebatamento, medo, raiva etc. Nesse nível teórico, ele se atém àquelas emoções que partem da sensação corporal. Quer dizer, a estrutura do organismo humano é predisposta a reagir em determinadas situações. Todavia, isso não significa que toda emoção deriva de alterações somáticas. Seu tratamento das emoções padrão não significa dizer que os estados emocionais consistam totalmente nessas mudanças, tampouco que não possam originar-se de outros aspectos.

Na discussão sobre a relação entre sensações corporais e emoções, James não afirma que toda emoção deriva de sensações corporais. Tampouco que sensações corporais são tudo que as emoções compreendem. Ao contrário, nas emoções em que sensações corporais são implicadas - o que ele chama de emoções “padrão” (1884/1983, p. 170) ou emoções “mais grosseiras” (1890, p. 449) - a sensação é anterior à experiência do sentimento emocional e não o contrário. Esta é uma proposição bem diferente do que frequentemente atribuem a ele, que todas emoções consiste em sensações corporais (BARBALET, 1999, p. 254)⁷.

Bem entendida a relação entre instinto e emoção, podemos perceber, já no nível orgânico, um passo importante para apontar a fragilidade da crítica que Damásio dirige à teoria de James. No nível que tratamos, James faz um recorte teórico para tratar das emoções que derivam de sensações corporais, mas isso não implica na asserção de que toda emoção se reduza à sensação somática. Existem emoções que derivam mais da forma do objeto percebido do que propriamente das alterações corporais. A essas emoções, James chama “*Subtler Emotions*” (emoções sutis). Concluimos esta seção com um passo

⁷ “James’ discussion of the relations between bodily sensations and emotion does not assert that all emotions derive from bodily sensations. Nor that bodily sensations are all that emotions comprise. Rather, in those emotions in which bodily sensation is implicated - what he calls the “standard” (1884/1983, p. 170) or “coarser” emotions (1890b, p. 449) - the sensation is prior to the experience of emotional feeling rather than the other way around. This is a very different proposition than the one usually attributed to him, that all emotion consists of bodily sensation”.

importante: no aspecto orgânico de sua teoria, James pensa as emoções em função dos instintos, mas não as reduz a eles.

3. TEORIA DAS EMOÇÕES DE WILLIAM JAMES – ASPECTO COGNITIVO

As “emoções sutis” (*subtler emotions*) “são os sentimentos moral, intelectual e estéticos” (JAMES, 1950, v.II, p. 468)⁸. Enquanto as emoções padrão são frutos das sensações corporais, esses sentimentos mais sutis parecem ser derivados da própria forma que admiramos. Dada a mediação somática constitutiva das “emoções padrão”, James as designa como emoções secundárias. Já as emoções sutis, tendo em conta sua imediatez em relação à percepção de um objeto, ele as designa como “emoções primárias”⁹.

O reconhecimento das emoções primárias poderia ser um indício contra o aspecto “orgânico” apresentado anteriormente, quando tratava das emoções secundárias.

Já que percepções musicais, ideias lógicas, podem despertar imediatamente uma forma de sensação emocional, eles dirão, não é mais natural supor que no caso das assim chamadas emoções “de expressão corporal mais distinta”, induzidas por outras classes de objetos, a sensação emocional seja igualmente imediata, e a expressão corporal algo que se apresenta posteriormente e é a ela agregada? (JAMES, 1950, v.II. p. 468, tradução nossa)¹⁰.

A resposta que ele oferece a essa questão enfatiza, em primeiro lugar, o aspecto sensitivo das emoções sutis. Quer dizer, um sentimento estético, ainda que imediato, não deixa de ser uma experiência sensitiva e, portanto, de fundo orgânico. As modificações somáticas que ocorrem nas emoções secundárias são, como vimos, facilmente sentidas. Já no caso das emoções sutis não são tão facilmente sentidas. No entanto, a ausência de sensação corporal imediata ou perceptível não significa que não haja uma reverberação somática no caso das emoções primárias. As relações entre o cérebro e o corpo podem

⁸ “There are the moral, intellectual, and aesthetic feelings”.

⁹ Vale ressaltar que nesta seção nos referimos à conceituação de James. Para ele as emoções padrão são secundárias porque não derivam da própria percepção do objeto, mas da sensação corporal ocasionada pela percepção de um objeto ou situação. Já as emoções sutis parecem originar-se imediatamente da percepção do objeto. Que fique claro que não estamos invertendo a ordem da conceituação de A. Damásio. Nesta seção, nos referimos à tematização jamesiana.

¹⁰ “Since musical perceptions, since logical ideas, can immediately arouse a form of emotional feeling, they will say, is it not more natural to suppose that in the case of the so-called ‘coarser’ emotions, prompted by other kinds of objects, the emotional feeling is equally immediate, and the bodily expression something that comes later and is added on?”

ser mais sutis do que se imagina. No campo das neurociências, podemos fazer referência ao modo como Damásio apresenta essa relação.

O cérebro e o corpo encontram-se indissociavelmente integrados por circuitos bioquímicos e neurais recíprocos dirigidos um para o outro. Existem duas vias principais de interconexão. A via em que normalmente se pensa primeiro é a constituída por nervos motores e sensoriais periféricos que transportam sinais de todas as partes do corpo para o cérebro, e do cérebro para todas as partes do corpo. A outra via, que vem menos facilmente à mente, embora seja bastante mais antiga em termos evolutivos, é a corrente sanguínea; ela transporta sinais químicos, como os hormônios, os neurotransmissores e os neuromoduladores (DAMÁSIO, 2012 p. 94).

A sutileza da relação sanguínea entre cérebro e corpo pode tornar imperceptíveis múltiplas reverberações corporais de uma emoção primária. Alterações na pele, nos tecidos biológicos, na corrente sanguínea, passam despercebido da mais atenta das introspecções.

O ponto central da abordagem que James faz das emoções sutis é esclarecer que o que está em jogo são duas coisas e não uma. Quer dizer, (uma emoção é sempre em relação a um objeto e, nesse sentido, dotada de intencionalidade. Mas, se à percepção desse objeto não se seguirem qualquer reverberação corporal, esse estado seria puramente cognitivo em sua forma).

Em todos os casos de embriaguez intelectual ou moral percebemos que, se o pensamento acerca do objeto e a cognição de sua qualidade não for acompanhado de uma reverberação corporal de alguma espécie; a menos que rimos de fato ante a nitidez da demonstração ou da graça; a menos que nos emocionemos ante o caso de justiça ou que nos arrepie o ato de magnanimidade, dificilmente nosso estado mental pode ser chamado emocional (JAMES, 1950, v.II, p. 471).

James reconhece, portanto, um nível cognitivo das emoções, que não parte de reações instintivas em função de um ambiente, mas que tem seu “núcleo propulsor” na atividade cognitiva. Isso não significa dizer que tais emoções sejam juízos acerca da realidade. Significa somente que elas não derivam de uma relação inata entre o organismo humano e o seu meio, mas da atividade intelectual do indivíduo. É preciso notar, no entanto, que ele admite tais emoções, mas, nas palavras de Carrete, “procura enraizá-las no corpo” (CARRETE, 2007, p. 428). Em *The physical basis of emotion (1894)*, texto em que responde a algumas críticas que foram dirigidas à sua teoria, ele deixa bem claro essa base orgânica das emoções primárias.

Estou disposto a admitir que o *Gefülston* primário pode variar enormemente em distinção entre homens diferentes. Mas, falando por mim, sou obrigado a dizer que os únicos sentimentos que não posso mais ou menos localizar no meu corpo são muito brandos e, por assim dizer, afetos platônicos. Eu permito que eles existam

hipoteticamente, no entanto, na forma de emoções "mais sutis", e na mera agradabilidade ou desagradabilidade de sensações, imagens e processos de pensamento particulares, onde nenhuma excitação orgânica óbvia é despertada (JAMES, 1994, p. 208, tradução nossa.)¹¹

A exposição das emoções primárias possibilita um passo importante na direção do nosso objetivo. Nesse nível, as emoções deixam de ser pensadas a partir da sensação corporal. Quer dizer, no caso das emoções padrão, os estados emocionais são pensados a partir de reações instintivas, e a sensação dessas mudanças é o que constitui uma emoção. Aqui a emoção não deriva de uma sensação de mudanças corporais. O motivo para a excitação de um estado emocional é a própria forma do objeto percebido.

Vimos na conclusão da seção sobre o aspecto orgânico que James não reduz as emoções à sensação corporal. No nível das emoções primárias isso fica ainda mais evidente. Não há uma restrição dos estados emocionais à reação instintiva do organismo da espécie humana. Nas emoções padrão, mesmo em contextos sociais, a motivação para o estado emocional é a sensação corporal. No caso das emoções sutis, James supera essa dimensão inata das emoções, uma vez que elas são disparadas por elementos intelectuais.

O fato de as emoções primárias não derivarem de sensações corporais não significa que estejam desacompanhadas de qualquer reverberação somática. Ao ouvir um concerto de Johann Sebastian Bach, um crítico musical pode admirar-se ao perceber a técnica de contraponto elevada a uma ampla expressão. E, nesse sentido, sua satisfação deriva-se da percepção [e não sensação corporal] de um elemento propriamente teórico. No entanto, se à sua admiração não se anexar qualquer reverberação corporal, ela se reduz a um ato puramente cognitivo.

Antes de encerrar esta seção, vale a pena fazer uma breve consideração sobre a concepção cognitiva das emoções. Robert Solomon, no livro *Fiéis às nossas emoções*, trabalha o tema a partir de uma ótica fenomenológica. Sua investigação consiste em analisar os estados emocionais a partir da noção de intencionalidade. Ele considera as emoções como uma maneira de engajamento no mundo. Desde essa perspectiva, a tese

¹¹ "I am even willing to admit that the primary Gefühlston may vary enormously in distinctness in different men. But speaking for myself, I am compelled to say that the only feelings which I cannot more or less well localize in my body are very mild and, so to speak, platonic affairs. I allow them hypothetically to exist, however, in the form of the 'subtler' emotions, and in the mere intrinsic agreeableness and disagreeableness of particular sensations, images, and thought-processes, where no obvious organic excitement is aroused".

central defendida por ele consiste em afirmar que as emoções são estruturadas por julgamentos avaliativos.

Uma emoção é um engajamento com o mundo. Explico, insistindo em que as emoções são *estruturadas* por julgamentos, mas é importante que fique claro o que quero dizer com “julgamento”. Não estou falando sobre julgamentos *deliberativos*, isto é, que necessariamente envolvem muito (ou, de fato, qualquer) pensamento. O tipo de cognição rápida, recentemente enfatizado, que ocorre na intuição e no julgamento instantâneo tem muito mais a ver com o que tenho em mente (Gladwell, 2005) (SOLOMON, 2015, p. 328).

A partir de uma perspectiva fenomenológica, Solomon dirige uma crítica a James que consiste em afirmar que este reduziu os estados emocionais à mera “sensação” fisiológica. Para ele, a teoria de James deixa de captar o fator essencial de que as emoções são sempre a respeito de algo. Dito de outra maneira, sua crítica consiste em apontar a ausência de intencionalidade (direcionalidade) da teoria James-Lange.

No entanto, a análise da teoria cognitiva que estamos apresentando nesta seção, nos conduz a um caminho contrário à crítica fenomenológica de Solomon. Sendo as emoções sutis derivadas diretamente da percepção de um objeto, a concepção cognitiva das emoções de James parece garantir, de forma clara, a intencionalidade dos estados emocionais. No arcabouço teórico jamesiano, existem também emoções também a respeito do mundo.

Talvez a crítica de Solomon seja adequada à teoria James-Lange, ou o que chamamos neste trabalho de aspecto orgânico das emoções. A ênfase ao sistema nervoso autônomo e ao sistema endócrino pode fazer das emoções simplesmente a sensação de mudanças ocorridas no corpo, negligenciando o seu aspecto cognitivo. O suposto descuido quanto ao elemento cognitivo das emoções parece ser um ponto comum de crítica entre António Damásio e Robert Solomon. No entanto, o que vemos nesta seção é um avanço teórico de James acerca das emoções, na medida em que ele se distancia do inatismo orgânico e avança para a estrutura cognitivo-social das emoções.

Cabe ressaltar, que o progresso teórico de James na direção de uma concepção cognitiva das emoções não o conduz a pensá-las como juízos avaliativos (*appraisals*). Para ele o ponto central das emoções são as reverberações corporais, o que não significa, por sua vez, reduzir as emoções à mera sensação somática, como temos veementemente insistido. Sem medo de simplificações, pode-se dizer que James fica a meio caminho de

uma teoria reducionista e cognitivista das emoções, enfatizando, por um lado, suas bases físicas e, por outro, sua intencionalidade no mundo.

4. TEORIA DAS EMOÇÕES DE WILLIAM JAMES: ASPECTO SOCIAL

Para evidenciarmos o aspecto cognitivo das emoções em James, iremos, nesta seção, trazer à tona aspectos sociais que modelam as emoções, como no caso das emoções religiosas.

Em se tratando de emoções religiosas, precisamos, em primeiro lugar, entender o que James compreendia por religião. A multiplicidade de definições, as variadas manifestações religiosas, o levaram a considerar o sentimento religioso como um nome coletivo (JAMES, 2017, p. 37). Nesse sentido, não há um sentimento religioso propriamente dito, quer dizer, uma estrutura mental organizada para ser afetada somente por emoções religiosas. “Existe o medo religioso, o amor religioso, o terror religioso, a alegria religiosa etc.”

Mas o amor religioso é apenas a natural emoção humana do amor dirigida a um objeto religioso; o terror religioso é o mesmo estremecimento orgânico que sentimos numa floresta ao crepúsculo, ou no meio de um desfiladeiro; só que desta vez ele nos salteia à ideia das nossas relações sobrenaturais; e o mesmo se poderá dizer de todos os vários sentimentos que podem ser chamados a intervir na vida das pessoas religiosas (JAMES, 2017, p. 38).

Nota-se, nessa passagem, que James pensa as emoções religiosas no mesmo solo orgânico em que considerou as emoções padrão. Evidentemente que os sentimentos religiosos são distinguíveis de outros estados emocionais. No entanto, do ponto de vista da constituição orgânica e mental os sentimentos religiosos são como qualquer outro. A base orgânica comum das afeições religiosas não afeta em nada o seu valor, por motivos que passamos a considerar.

James trata a religião em sua esfera pessoal e não institucional. Do ponto de vista pessoal, a investigação volta-se para as condições psíquicas, para as características internas do indivíduo que passa por uma experiência religiosa. Desde uma perspectiva institucional, são aos aspectos teológicos, dogmáticos, elementos ritualísticos etc., o foco da atenção (JAMES, 2017, p. 39). A pretensão de James é investigar as condições

psicológicas que podem estar envolvidas nas experiências religiosas. Portanto, ele deve ocupar-se do aspecto pessoal da religião.

Especificando ainda mais a sua abordagem, ele se volta para as experiências mais desenvolvidas das biografias religiosas. Dito de outra maneira, ele toma em consideração experiências originais, dos chamados “gênios”, que criaram paradigmas que foram seguidos posteriormente. No entanto, esses gênios não possuíam uma constituição nervosa estável. “Mais até do que outros tipos de gênios, os líderes religiosos têm sido passíveis de manifestações psíquicas anormais” (JAMES, 2017, p. 19). Todavia, isso não lhe invalida a experiência, pois todos os estados mentais humanos são neurologicamente condicionados. Portanto, argumentar a partir da condição neurológica de um estado mental, na pretensão de colocá-lo em descrédito, é contraditório.

Além disso, a argumentação dos “materialistas médicos”, que visam minar a credibilidade de um fenômeno pondo a nu a constituição nervosa daquele que a viveu, parece se contradizer. James distingue entre juízos de fato (existenciais) e juízos de valor (espirituais). Os primeiros tratam da origem, da constituição, de como veio a existir etc. Já as proposições espirituais dizem respeito ao sentido, ao valor de uma experiência (JAMES, 2017, p. 16-17). O erro do materialismo médico é deduzir de uma proposição de fato um juízo de valor, uma vez que não há nenhuma teoria psicofísica que possibilita a dedução direta de uma a outra.

Dadas essas considerações, James apresenta uma definição arbitrária do que entende por religião para o propósito das conferências de 1898:

A religião, por conseguinte, como agora lhes peço arbitrariamente que a aceitem, significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino (JAMES, 2017, p. 41).

O primeiro elemento a ser notado é que, na definição que James oferece da religião, ele se utiliza da palavra “sentimento” e não “emoção”. Enquanto trata do sentimento religioso, ele se interessa pelo aspecto experiencial da religião. As emoções estariam ligadas ao aspecto orgânico, tratado na segunda seção deste artigo. Dessa maneira, no nível social das emoções ele não se ocupa com a constituição nervosa delas, mas com seu aspecto cognitivo-social.

Em *Varietades*, sentimento parece estar ligado à dimensão experiencial da religião, o que poderia explicar o porquê do termo “sentimento,” como oposto a “emoção,” aparecer na arbitrária definição de religião; e confirma o sentido de Lamberth do porquê

Varietades está focado na “experiência” e não na emoção enquanto tal (CARRETE, 2007, p. 430 tradução nossa)¹².

A definição de religião, tal como proposta por James, ainda parece muito ampla. Essa abrangência condiz, por um lado, com a variedade das experiências religiosas, mas, por outro, pode dar margem a tomar experiências diversas como sendo religiosas. Dessa maneira, ele busca no sentimento religioso uma característica que lhe seja marcante, e encontra uma maneira de restringir ainda mais sua definição a partir da noção do divino. Para ele, o divino significa “uma realidade primitiva, de tal natureza que o indivíduo se sente impelido a responder-lhe solene e gravemente, e nunca com uma imprecisão nem com um chiste” (JAMES, 2017, p. 47). O sentimento religioso se apresenta, portanto, como um sentimento comum voltado a um objeto religioso, que evoca o indivíduo sempre solenemente, produzindo nele um estado de espírito sério.

Pensado em função de seu objeto, o sentimento religioso traz uma marca bem característica: o sentimento de presença. Para James, a religião, se tivesse que ser definida em termos gerais, consistiria “na crença de que existe uma ordem invisível, e que o nosso bem supremo reside em ajustarmo-nos harmoniosamente a ela” (JAMES, 2017, p. 59). James explora, a partir dessa característica fundamental da vida religiosa aquilo que chamou de “sentido de presença”.

É como se houvesse na consciência humana em *sentido de realidade, um sentimento de presença objetiva, uma percepção do que podemos chamar “alguma coisa ali”, mais profunda e mais geral do que qualquer um dos “sentidos” especiais e particulares pelos quais a psicologia atual supõe que as realidades existentes são originalmente reveladas* (JAMES, 2017, p. 63).

A experiência do sentido de presença é observada principalmente em casos de alucinação. Trata-se do sentimento de uma presença objetivamente localizada, mas que não nos chega por nenhum dos sentidos ordinários. James apresenta uma grande quantidade de relatos de experiências dessa natureza. O sentido de presença possibilita uma crítica direta ao racionalismo, na medida em que aqueles indivíduos que admitem crenças religiosas não o fazem “na forma das meras concepções que seus intelectos aceitam por verdadeiras, mas em forma de realidades quase sensíveis, diretamente apreendidas” (JAMES, 2017, p. 68).

¹² “Feeling in the *Varieties* seem to be linked to the experiential dimension of religion, which would explain why the term “feeling,” as opposed to “emotion,” appears in the arbitrary definition of religion; and confirms Lamberth’s sense of why the *Varieties* is focused on “experience” rather than emotion as such”.

Mas tais experiências não são sempre consideradas como sendo religiosas. A presença sentida pode não ter um sentido expressivo para aquele que a sentiu. Um caso dessa natureza é o que James descreve que ocorreu a um de seus correspondentes. Ele sentiu uma presença em seu quarto que não era acessível aos sentidos, mas “havia uma ‘sensação’ horrivelmente desagradável ligada a ela”. Em outro caso, ocorrido com o mesmo correspondente, ele relata que a experiência lhe ocorrera novamente, mas que “não era a simples consciência de alguma coisa ali, senão fundida na felicidade central dela, uma surpreendente consciência de algum bem inefável” (JAMES, 2017, p. 64-65).

O interlocutor não interpreta nenhum dos dois casos como sendo de fundo religioso, apesar de, segundo James, a segunda experiência ser passível dessa interpretação. Em outros casos, porém, o sentido de presença é vivido como a presença do divino, como no caso de Santa Teresa de Ávila.

Não é um brilho que ofusca, mas uma brancura suave e um brilho infuso, que dá enorme prazer à vista e não cansa, nem a claridade que se vê para ver essa beleza tão divina. É uma luz tão diferente da daqui! Parece uma coisa tão opaca a claridade do sol que vemos, em comparação com aquela claridade e luz que se apresenta para a vista, que não se quereria abrir os olhos depois. É como ver uma água muito clara que corre sobre cristal e reverbera nela o sol comparada a uma muito turva com tempo muito nublado e que corre por cima da terra. Não porque se representa sol, nem a luz é como a do sol. Parece, enfim, luz natural, e esta outra, uma coisa artificial. É luz que não tem noite, mas que, como é sempre luz, nada a turva. Enfim, é de tal modo que, por mais inteligência que uma pessoa tivesse em todos os dias da sua vida, não poderia imaginar como é. E Deus a põe diante tão depressa que nem daria tempo de abrir os olhos, se fosse preciso abri-los. Mas não faz diferença estarem abertos ou fechados quando o Senhor quer, pois, ainda que não queiramos, se vê. Não há distração que baste, nem há como resistir, nem basta empenho ou esforço para isso (TERESA, 2010, p. 253-254).

No trecho acima, Teresa descreve a brancura ou clareza que acompanha a visão que ela teve de Jesus Cristo. É necessário notar que sua visão não é uma imaginação, tampouco a brancura vista é acessada pela visão ordinária. Trata-se de uma alucinação visual. Como uma alucinação, pode ser explicada por alguma disfunção cerebral que envolve, possivelmente, o córtex occipital (JAMES, 2017, p. 24).

Contudo, a alucinação visual tem um sentido para Teresa. O sentimento que a envolve no momento da visão não pode ser reduzido ao aspecto puramente factual da sua experiência. E, neste ponto, nota-se a influência que o contexto social exerce sobre os nossos sentimentos. Freira carmelita, tendo entrado para o convento da Encarnação aos vinte e um anos de idade, a vida de Teresa foi profundamente dedicada e marcada pela experiência cristã. Essa marca não deixa imune seus sentimentos. Segundo James, “somos

seres pensantes e não podemos proibir o intelecto de participar de nenhuma de nossas funções. Até soliloquiando construímos intelectualmente nossos sentimentos” (JAMES, 2017, p. 395).

É verdade que existe na vida religiosa uma primazia do sentimento com relação ao intelecto. E é essa primazia que James quis enfatizar em *Variedades*¹³. Isso não significa, porém, que a atividade intelectual não participe na construção dos sentimentos religiosos. O aspecto institucional, e, portanto, social-cognitivo, é constitutivo da experiência religiosa. O que James enfatiza é que o intelecto trabalha no sentido que o sentimento já o direcionou. Desse modo, os dogmas, doutrinas e todo o aspecto institucional é classificado por ele como “surpercrenças”, isto é, construções levadas a cabo pelo intelecto em direções para as quais, originalmente, o sentimento as empurrava (JAMES, 2017, p. 394).

Antes de encerramos, permita-nos esclarecer uma questão que pode ser alvo de questionamentos. Na seção anterior falamos um pouco sobre a intencionalidade das emoções. Nesta seção apresentamos a distinção entre juízo de fato e de valor. Em seguida, mostramos como a experiência vivida por Teresa é carregada de um sentido religioso. Esse sentido, porém, não consiste em uma interpretação posterior e externa ao acontecimento vivido por ela. A direcionalidade que garante um valor para a experiência é intrínseca ao fenômeno. Dito de outra maneira, não se trata de uma questão deliberativa ou judicativa sobre interpretar ou não a experiência como sendo uma visão do Cristo. A experiência vivida por ela não deixa dúvidas quanto à sua natureza em função do sentimento mesmo que o próprio fenômeno carrega. Nisso consiste a intencionalidade das emoções, o fato de o aspecto existencial (factual) ser carregado de seu valor.

Além disso, se o valor fosse conferido externamente e a posteriori, as emoções seriam desprovidas de intencionalidade, esta última sendo conferida somente tardiamente. Portanto, a relação entre fato e valor não se dá em momentos distintos no tempo, mas todo evento factual é prenhe de seu sentido. A respeito da relação indissociável entre fato e valor, vale ressaltar o que diz William James:

¹³ Sobre o objetivo das conferências Gifford, ver carta de James à Frances Morse em: JAMES, (1993) apud NIEBUHR, R. Richard. *William James acerca da experiência religiosa*. p. 270-271.

Eles só são eficazes [os materialistas médicos] com o seu discurso sobre a origem patológica quando o outro lado reivindica a origem sobrenatural e só o argumento derivado da origem está em discussão. Mas o argumento da origem raramente se usa sozinho, pois é obviamente insuficiente (JAMES, 2017, p. 29).

A relação estreita entre fato e valor não significa um retorno ao inatismo emocional, de tal sorte que as emoções seriam vividas de modo universal, como no caso das emoções padrão. O sentimento varia de cultura para cultura, uma vez que a compreensão de mundo muda em diferentes contextos. O que queremos destacar é que o aspecto cognitivo-social é constitutivo dos estados emocionais e não simplesmente anexados a eles.

Chegamos ao fim desta seção com a seguinte conclusão: os elementos cognitivo-sociais constituem nossos estados emocionais. Vimos que um panorama da construção teórica de James acerca das emoções coloca em evidência a complementaridade entre os aspectos orgânicos, cognitivo e social. O ponto culminante, as emoções religiosas, conjuga os aspectos orgânico e cognitivo, de tal maneira, que sua teoria é capaz de abarcar aquelas emoções que são frutos de representações dispositivas aprendidas.

CONCLUSÃO

A questão principal deste trabalho consistiu em investigar se a teoria somática das emoções, proposta por William James, seria capaz de dar conta de estados emocionais disparados por representações dispositivas aprendidas. António Damásio dirige uma crítica ao psicólogo americano que consiste em afirmar que sua teoria seria suficiente somente para emoções disparadas por um estrutura preestabelecida. Porém, como vimos, para Damásio o processo emocional não termina com as alterações somáticas, mas tais alterações são sentidas e associadas ao objeto que lhe excitou. Desse modo, cria-se novas estruturas para e excitação emocional. Dito de forma abreviada, sua crítica consiste em dizer que a teoria James-Lange passa ao largo do aspecto cognitivo das emoções.

A tese que propomos neste artigo consiste em afirmar que a teoria jamesiana parece sim capaz de dar conta dos estados emocionais frutos de representações dispositivas aprendidas. Com o intuito de defender essa tese, estruturamos a teoria das emoções de James em três aspectos centrais: o aspecto orgânico, cognitivo e social. Nosso objetivo era percorrer a teoria jamesiana tendo em mente esses três elementos estruturais, com a pretensão de alcançar a tese proposta inicialmente.

Do ponto de vista orgânico, vimos que a tese central da teoria de James consiste em afirmar que as emoções “padrão” consistem na sensação das modificações somáticas que ocorrem quando da percepção (ou ideia) de um objeto. Nesse nível teórico, notamos como os estados emocionais encontram-se intimamente ligado aos instintos. A ênfase que James concede à relação entre o sistema nervoso autônomo, o sistema endócrino e as emoções, coloca em evidência a plausibilidade da crítica que lhe foi direcionada por António Damásio.

O que notamos, contudo, na seção sobre o aspecto orgânico foi que James faz um recorte metodológico acerca do tema das emoções. Vimos que ele se debruça sobre as emoções “padrão”, quer dizer, aqueles estados emocionais que são frutos da sensação das modificações corporais. No entanto, seu tratamento de tais fenômenos não implica na indução de que todos os estados emocionais sejam derivam-se das sensações somáticas. Concluimos aquela seção apontando um primeiro possível descuido de Damásio, a saber, a generalização de uma definição que se aplica à ocorrência de estados emocionais bem específicos.

No entanto, existem emoções – e James reconhece tais casos ainda no artigo de 1884 – em que as sensações corporais não são evidentes. Se tais estados são emocionais, em que pese a ausência de expressões corporais distintas, em que consiste uma emoção? Além disso, há que ressaltar que a definição das emoções simplesmente como sensações corporais ocasionava uma concepção das emoções desprovida de intencionalidade. Dito de outro modo, a teoria James-Lange esvaziava os estados emocionais de seu sentido, que só poderia ser fornecido se tais estados fossem pensados contextualmente.

Considerando tais problemas, investigamos as chamadas “emoções sutis”, que James desenvolve em *Principles*. Naquela seção vimos como ele avança na direção de uma concepção cognitiva das emoções. As “emoções sutis” são aquelas que derivam da forma do objeto percebido e não da sensação das mudanças corporais. A despeito de seu reconhecimento de tais estados emocionais, James não abre mão de enraizá-los no solo orgânico. Quer dizer, ele reconhece a ocorrência de estados emocionais como derivada da percepção de um objeto, estados estes, nos quais não há uma expressão somática evidente. No entanto, acredita que, ao se tratar de fato de um estado emocional, tem de haver alguma reverberação corpora, ainda que sutil. Desse modo, ele garante a direcionalidade das emoções sem perder de vista base física delas.

Concluimos aquela seção apontando um outro possível equívoco de António Damásio em sua crítica à James, a saber, a redução da teoria jamesiana ao seu aspecto orgânico. Essa redução o impossibilita de reconhecer o avanço da teoria de James em direção a uma concepção cognitiva das emoções, concepção esta que garante, como vimos, a intencionalidade dos estados emocionais.

Por fim, com o intuito de explorar o aspecto cognitivo das emoções, apresentamos como elementos sociais modelam nossos estados emocionais. Fizemos isso a partir da investigação das emoções religiosas. Elas consistem no sentimento de uma presença objetivamente sentida, mas que não é fornecida por nenhum dos sentidos comuns. A despeito de sua origem “transempírica”, tais experiências são, muitas vezes, mais convincentes do que aquelas que vivemos cotidianamente.

Como modelo de uma experiência dessa natureza, tomamos o caso de Santa Teresa de Ávila, quando de sua visão do Cristo. Nosso intuito era apresentar como a vida de Teresa, marcada pela devoção à fé católica, constituía seu estado emocional.

A análise das emoções religiosas nos conduziu por um caminho que a teoria orgânica e cognitiva de James já prenunciava. Do ponto de vista orgânico, vimos com toda experiência tem a sua base física, ou como James disse em *Variiedades*, todo fenômeno é neurologicamente condicionado. Desde a perspectiva cognitiva, notamos como o contexto social é constitutivo dos estados emocionais.

A conclusão a que chegamos neste artigo é a de que a teoria jamesiana das emoções é capaz de explicar os estados emocionais derivados de representações dispositivas aprendidas. Vimos que a teoria de James caminha na contramão da compreensão de António Damásio. Se considerada em seu desenvolvimento amplo, vimos como sua teoria avança rumo a uma concepção cognitivo-social sem perder de vista a base orgânica à qual as atividades humanas encontram-se condicionadas. Portanto, uma crítica que não leve em conta a teoria jamesiana em seu amplo desenvolvimento pode se revelar ingênua e fadada ao equívoco.

REFERÊNCIAS:

- BARBALET, Jack. "William James' theory of emotions: filling in the picture". *Journal for the Theory of Social Behaviour*. 29 (3) 251-266 (1999).
- CARRETE, Jeremy. "William James". *The oxford handbook of religion and emotion*. Edited by John Corrigan. Oxford University Press, 2008, p. 419-438.
- DE ÁVILA, Santa Teresa. *Livro da vida*. Tradução e notas de Marcelo Musa Cavallari; prefácio de Frei Betto; introdução de J.M. Cohen. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- DAMÁSIO, Antônio R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. Tradução Octavio Mendes Cajado. - 2. ed. - São Paulo: Cultrix, 2017.
- JAMES, William. "O que é uma emoção?" *Clínica & Cultura*. v. II, n. I, jan-jun 2013, 95-113.
- JAMES, William. *The varieties of religious experience: a study in human nature*. New York, Penguin Classics, 1985.
- JAMES, William. *The principles of psychology*. V. I-II, Dover Publications, inc, 1950.
- JAMES, William. "The physical basis of emotion". *Psychological Review*. 1994, Vol. 101. No. 2, 205-210.
- JAMES, William. "What is an emotion?" *Mind*, Vol. 9. No. 34 (Apr., 1884), pp. 188-205.
- NIEBUHR, Richard R. *William James acerca da experiência religiosa*. In: William James. Ruth Anna Putnam (org.); tradução André Oides. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010, p. 269-296.
- SOLOMON, Robert C. *Fiéis às nossas emoções - O que elas realmente nos dizem*. Tradução de Miriam Raja Gabaglia de Pontes Medeiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.